



A MAIOR OFERTA DE CARNE BOVINA NO MUNDO DEPENDE DE NÓS

A produção mundial de carne bovina precisa dobrar em quatro décadas para atender ao crescente da proteína vermelha. Atualmente, globalmente são produzidas 228 milhões de toneladas; em 2050, serão necessárias 463 milhões/t para atender às necessidades crescentes da população mundial. A afirmação não é de um pecuarista apaixonado, mas da própria Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), e faz os inimigos da atividade pensarem duas vezes antes de criticá-la por questões ambientais. Afinal, antes de mais nada é preciso colocar alimentos de qualidade à disposição dos consumidores e isso a pecuária está fazendo – além disso, como enfatiza a FAO, precisa fazer com intensidade ainda maior. A pergunta que não quer calar é: que país, a não ser o Brasil, tem condições de aumentar exponencialmente, a oferta de carne bovina em muito pouco tempo? Os Estados Unidos não têm mais terra para ocupar com a pecuária. Pelo contrário, sofre pressão para reduzir as áreas de confinamento, cada vez mais próximas das cidades; a Austrália está no seu limite e passou por anos difíceis, com estiagem e redução de plantel; a Argentina e o Uruguai, outros players importantes do comércio mundial, não têm escala para atender o mercado – a Argentina, aliás, por questões internas até reduziu as vendas externas; a União Europeia também não tem espaço para crescer e volta-se para si, tentando atender às demandas dos novos integrantes do bloco. Sobram o Brasil, a China e a Índia, estes dois últimos estão crescendo, mas têm população superior a 1 bilhão de pessoas, o que significa que primeiro vão alimentar o seu povo para depois exportar carne nos níveis necessários. Pelo contrário, o Brasil já é o segundo maior produtor de carne bovina do mundo e tem todas as condições de ampliar ainda mais sua participação, inclusive ampliando as vendas externas. Afinal, aqui há terras disponíveis, condições geográficas e climáticas, produtores que sabem o que fazem, raças bovinas excepcionais e genética de altíssima qualidade. Juntas, essas condições tornam o Brasil incomparável em termos de pecuária eficiente e a custos baixos.

Importante salientar que o relatório da FAO diz que “são necessários investimentos substanciais na pecuária para ampliar a produção”. Que bom ler essas palavras de apoio à bovinocultura, atividade-alvo de muitas críticas de ambientalistas e vege-

tarianos, muito mais preocupados com discursos do que com questões práticas: sem carne bovina, o organismo humano sofre com a carência de ferro e, portanto, está mais susceptível a anemia, por exemplo.

Por traz da constatação da importância crescente da pecuária na alimentação mundial está a melhoria da economia global. Estudos comprovam que à medida que a população melhora de renda parte para o consumo de alimentos de melhor qualidade. Aí entra em cena a carne bovina. Em outras palavras: as pessoas querem proteína vermelha.

A população global ultrapassou a barreira dos 6 bilhões de habitantes. Pelos dados da própria FAO, a carne bovina já alimenta mais de 1 bilhão de pessoas. E é preciso chegar a mais gente.

Podem contar com Brasil e a pecuária brasileira. Os números recentes comprovam que a atividade responde rapidamente aos investimentos. Em uma década, a produção interna dobrou, se aproximando dos 10 milhões de toneladas anuais. Mas, repito, ainda há muito espaço para progredir. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a produtividade média da pecuária brasileira gira em torno de 0.7 UA/hectare. Traduzindo: há menos de 1 bovino por hectare.

Os países ditos desenvolvidos trabalham com números pelo menos duas ou três vezes superiores. Isso significa que se o Brasil dobrar a produtividade por área – o que é perfeitamente possível – duplicará a atual produção de carne bovina sem utilizar um único hectare a mais. E olhe que os especialistas dizem que há cerca de 200 milhões de hectares disponíveis para a produção de alimentos (carne bovina, inclusive) sem a necessidade de derrubar uma única árvore – o que faz cair por terra o argumento dos ambientalistas de que a pecuária é inimiga do meio ambiente.

Paulo de Castro Marques

Casa Branca Agropastoril



A GREATER SUPPLY of beef for the world depends on us

The world production of beef needs to double in four decades to meet growing demand for red protein. Currently, the global numbers shows a production of 228 million ton; in 2050 the world population will require 463 million ton to meet the growing their needs.

This claim is not from a rancher summer night dream, but comes from the United Nations Food and Agriculture Organization (FAO) itself, and makes the enemies of the our activity think twice before criticizing it for environmental reasons. After all, first of all we need to provide quality food to consumers and that is what the livestock industry is doing and, in addition, as emphasized by the FAO, needs to do with even greater intensity.

The question that begs is: what country, except Brazil, is able to increase exponentially, the supply of beef in a very short time? The United States has no more land to deal with livestock. Instead, ranchers are under pressure to reduce their production areas, many times close to the cities; Australia is at its limit and has gone through difficult years, with drought and reduced number of animals. Argentina and Uruguay, other important players in world trade don't have the scale to feed the market - Argentina, moreover, for domestic reasons reduced the exportation - and the European Union also has no space to grow and turned to itself, trying to meet the demands of its new members. That leaves Brazil, China and India, the latter two are increasing their production but, at the same time, have a population of over 1 billion people, which means that first they have feed them, and then provide meat to world trade market.

On the contrary, Brazil is already the second largest producer of beef in the world and has all the conditions to further expand its participation, including increasing foreign sales. After all, the country has land available, geographical and climatic conditions, producers

who know what they do, breeds and genetics of exceptional high quality. Together, these conditions make Brazil unique in terms of livestock efficiently and lower costs. It is important to note that the FAO report says that "substantial investments in livestock industry are required to increase production". We are glad you read these words in support of our activity, target of criticism from environmentalists and vegetarians, much more concerned with speech than with practical matters: for instance, with no meat in its diet, the human body suffers from a shortage of iron and is therefore more susceptible to anemia.

Behind the finding of the growing importance of livestock in the world's food is the improvement of the global economy. Studies show that as its income improves, the population turns to the consumption of food of higher quality. In comes the beef. In other words, people want red protein.

The global population crossed the 6 billion barrier. FAO says that beef already feeds more than 1 billion inhabitants. And we must reach more people.

You can count on Brazil and the Brazilian livestock industry. The recent figures show that the activity responds quickly to investment. In a decade, the domestic production has doubled, approaching 10 million tons.

Again, there is still room for progress. According to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) the average productivity of Brazilian livestock is around 0.7 AU / ha. Translation: less than 1 cattle per hectare.

The so-called developed countries work with numbers at least two or three times higher. This means that if Brazil is to double the production per unit area - which is perfectly possible - will too double the current production of beef without using a single extra hectare. And look what the experts say: "there are about 200 million hectares available for food production (beef, inclusive) without the need to remove a single tree" - which invalidates argument of environmentalists that the livestock is enemy of the environment.

Paulo de Castro Marques
Owner of Casa Branca Agropastoril